



**Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia**

**Daiane Ricarda de Melo**

**Valorização e Visibilidade dos Licenciandos da Licenciatura em Educação do  
Campo da Faculdade UNB Planaltina: um caminho para entender a luta pelo  
direito à educação**

**Brasília – DF**

**2015**

**Daiane Ricarda de Melo**

**Valorização e Visibilidade dos Licenciandos da Licenciatura em Educação do  
Campo da Faculdade UNB Planaltina: um caminho para entender a luta pelo  
direito à educação**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Especialização  
em Educação em e para os Direitos  
Humanos na Diversidade Cultural da  
Universidade de Brasília, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Especialista em Educação e Direitos  
Humanos.

Orientadora: Maria Veralice Barroso

**Brasília – DF**

**2015**

Melo, Ricarda Daiane de

Valorização e Visibilidade dos Licenciandos da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UNB Planaltina: um caminho para entender a luta pelo direito à educação / Daiane Ricarda de Melo – DF, 2015, **30 f.**

Monografia – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

Curso de Especialista em e Para os Direitos Humanos na Diversidade Cultural

Orientadora: Maria Vera Lize Barroso

1. Educação do Campo, Visibilidade, Licenciatura em Educação do Campo, Movimento Social, identidade.

**Daiane Ricarda de Melo**

**Valorização e Visibilidade dos Licenciandos da Licenciatura em Educação do  
Campo da Faculdade UNB Planaltina: um caminho para entender a luta pelo  
direito à educação**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Especialização  
em Educação em e para os Direitos  
Humanos na Diversidade Cultural da  
Universidade de Brasília, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Especialista em Educação e Direitos  
Humanos.

Orientadora: Maria Veralice Barroso

Planaltina, 14 de novembro

Banca Examinadora

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente ao Deus criador e a imagem Imaculada e materna de Nossa Senhora por conceder os sete sentidos da vida em minha existência: Ver, Ouvir, Ir, Sentir, Pensar, Amar e Realizar.

A minha estrela e inspiração Maria Basileu de Melo, minha amada avó que sempre me ensinou que servir é viver, e que conhecimento e sabedoria não são dons apenas de doutores e mestres, e sim daqueles que tem sede pelo saber em todas as formas por mais simples que sejam. Obrigada por todo carinho e dedicação sempre minha eterna e amada avó.

Ao meu grande e precioso amigo Jonathas Felipe, parceiro de todas as horas, que sempre devotado da maneira mais sincera dedicou dias, madrugadas, compreensão e muito amor no sentido de me estimular a nunca desistir desta caminhada e tantas outras. Posso dizer com toda certeza que é um grande orgulho ser amiga desse ser tão especial. Gratidão e que Deus nos conceda a graça de sempre seguir juntos nos apoiando, sorrindo e partilhando os bons e os maus momentos da vida.

A mente mais brilhante que conheço: Juliana Ricarda de Melo, a pessoa a qual tenho imenso orgulho de dizer que é minha irmã, mãe do presente mais lindo de Deus (Miguel), impulsionadora dos meus projetos e capacidades, exemplo de honestidade e uma grande inspiração de intelecto e pessoa. Obrigada por ser meu espelho minha irmã querida, minha melhor professora, por sempre me incentivar a fluir no caminho do saber e do crescimento. Obrigada por fazer parte da minha vida!

E por fim um muito obrigado carregado de muito carinho amor a todos os meus grandes amigos que durante esse percurso me incentivaram, entenderam a minha ausência e zelaram cada um à sua maneira para que eu findasse meu trabalho da melhor maneira possível.

Amo todos vocês!

## **Valorização e Visibilidade dos Licenciandos da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UNB Planaltina: um caminho para entender a luta pelo direito à educação**

### **Resumo**

Essa pesquisa objetivou apontar práticas esclarecedoras e que aumentassem a visibilidade e valorização da LEDOC – (Licenciatura em Educação no Campo) em conjunto com o seus estudantes. Os objetivos específicos foram identificar as concepções dos universitários sobre o que é LEDOC e desenvolver momentos que divulguem as lutas e desafios da LEDOC no ambiente acadêmico. A questão que permeia a presente pesquisa é: de que maneira é possível aumentar de forma efetiva a visibilidade da luta histórica e do significado educativo e cultural da criação de um curso de licenciatura específico para a realidade do campo. Esse questionamento se faz importante frente à luta dos povos do campo para garantir o acesso à educação de qualidade e que respeite as especificidades de seus povos sem excluí-los do processo de desenvolvimento global, assim como preconiza as lutas dos direitos humanos. A metodologia foi constituída pela aplicação de um questionário na comunidade acadêmica, a realização de um grupo focal com os estudantes da LEDOC e uma atividade de intervenção executada pelos licenciandos junto ao público acadêmico. Os resultados alcançados foram que a comunidade conhece o curso, mas não sua dinâmica. Os licenciandos não se sentem reconhecidos enquanto universitários e, por fim, por meio da atividade de intervenção os licenciandos sentiram-se emponderados quanto à apropriação dos espaços para suas atividades.

**Palavras-Chaves:** Educação do Campo, Direitos Humanos, Licenciatura em Educação do Campo, Movimento Social, identidade.

## **Lista de Figuras**

Figura 1: Abordagem da Ledoc com o público “O que é LEDOC?”	33
Figura 2: Debate sobre a Importância da LEDOC	34
Figura 3: Cartazes De Conscientização da LEDOC elaborado pelos licenciandos	34

## **Lista de Gráficos**

Gráfico 1: Nível de Conhecimento sobre a Existência do Curso da LEDOC dentro do Campus UNB – Planaltina	25
Gráfico 2: Relevância de um curso Para a Educação do Campo	27



## **Lista de Tabelas**

Tabela 1: Cronograma de ações	22
Tabela 2 : Graduandos	25
Tabela 3: Professores	25
Tabulo 4: Funcionários	25

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
	CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: UM DIÁLOGO COM OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	14
1.1	Entendendo a educação do campo .....	14
1.2	Contextualização local: a educação do campo em um <i>campus</i> universitário .....	17
1.3	Contextualização pessoal: trajetória da pesquisadora e a pesquisa .....	20
	CAPÍTULO II: METODOLOGIA E AÇÕES INTERVENTIVAS .....	22
2.1	Metodologia .....	22
2.2	Ações interventivas .....	23
	CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	26
3.1	Caracterização Geral Do Público .....	26
3.2	Dinâmica e Importância Do Curso: Concepções Dos Participantes Da Pesquisa .....	27
3.3	A Educação Do Campo Na Universidade: A Perspectiva Dos Licenciados Da LEDOC .....	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
5	REFERÊNCIAS .....	41

## 1- INTRODUÇÃO

A educação do campo surgiu da luta de homens e mulheres por um espaço onde sua realidade econômica, política e social fosse reconhecida e valorizada no processo de afirmação e construção do aprendizado.

O tema da presente pesquisa é: a valorização da educação no campo como mecanismo de desenvolvimento social e preservação de identidades e o objeto de estudo em questão: é a visibilidade do curso de Licenciatura do Campo dentro do Campus UNB Planaltina.

Tendo em vista os aspectos mencionados, percebe-se que a educação no campo se constitui alçada nas lutas e movimentos sociais. Segundo Arroyo (2004, p. 73) esses movimentos, em sua essência, representam uma nova consciência do direito à terra, ao trabalho, à justiça, à igualdade, à cultura, à saúde e à educação. Os riscos assumidos perante estas situações denotam o quanto se reconhecem sujeitos de direito.

Nesse sentido, quando se pensa em educação no campo é de suma importância entendê-la como mecanismo de continuidade; ou seja, um mecanismo onde exista a formação arraigada à intenção de permanência do indivíduo em seu local de origem, respeitando sua forma de vida, linguagem, costumes dentre outros aspectos.

A presença de um curso de formação de professores voltado especificamente para atender as demandas da comunidade do campo, é um marco na luta pelo direito das minorias culturais e sociais em acessarem uma educação de qualidade, que respeite a realidade em que vivem, valorizando e ensinando de acordo com suas vivências, mas também permitindo o acesso ao conhecimento global, não os tornando reduzidos apenas às suas realidades, mas também não esmagando suas raízes em prol da generalização dos processos de ensino-aprendizagem e comportamento. Em termos de direitos humanos, isso representa um avanço, pois revela o reconhecimento pela sociedade e pelo Estado de grupos sociais historicamente esquecidos ou relegados a repetir o que a maioria urbanizada prescreve.

Diante dessa realidade, é importante que se realizem trabalhos de valorização dessas lutas e conquistas do povo camponês. Dentro deste contexto se faz o seguinte questionamento: **de que maneira é possível aumentar de forma efetiva a visibilidade**

## **da luta histórica e do significado educativo e cultural da criação de um curso de licenciatura específico para a realidade do campo?**

Com base neste questionamento o presente trabalho se apresenta sob a forma de uma pesquisa qualitativa com três momentos distintos. Primeiramente foram coletados dados sobre o conhecimento de estudantes e profissionais do campus UnB-Planaltina acerca da existência e dinâmica da Licenciatura em Educação do Campo. Os entrevistados foram selecionados de forma aleatória, satisfazendo três grupos de informantes, 30 estudantes de graduação do campus, 10 professores e 10 servidores. Em seguida, foi realizada uma entrevista na forma de grupo focal com estudantes (seis, sendo três do gênero masculino e o restante feminino) da Licenciatura em Educação do Campo para coletar informações sobre a perspectiva deles da relação entre o curso e o meio acadêmico em que se inserem e entre o curso e seus crescimentos pessoais.

Por fim, em um terceiro momento, elencaram-se canais de visibilidade e importância da educação superior para o campo. Ao fazer isso, pretendeu-se intervir de modo a possibilitar a superação de preconceitos, minimizar as consequências do sistema capitalista nesses espaços, bem como reforçar o direito à escolarização e o acesso ao conhecimento no sentido de desenvolvimento social e preservação da identidade campesina.

Estas ações alargaram os caminhos para uma ação de intervenção dos estudantes da LEDOC por meio de uma Mística aberta ao público universitário. A proposta para esse momento teve como intuito ampliar o conhecimento sobre a importância da licenciatura específica para a realidade do campo como uma vitória educacional e política.

Sendo assim, destaca-se como objetivo geral: Apontar práticas esclarecedoras e que aumentem a visibilidade e valorização da LEDOC - Licenciatura em Educação no Campo - como uma via de afirmação da cultura e história dos povos do campo, via esta para atingir os anseios em direitos humanos de reconhecimento das minorias e do acesso à educação de qualidade. E os objetivos específicos: 1) Identificar as concepções dos universitários sobre o que é LEDOC e 2) Propiciar momentos que divulguem as lutas e desafios da LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo no ambiente acadêmico.

Do ponto de vista metodológico, essa pesquisa é de natureza qualitativa, é de caráter exploratório, pois houve incursões a campo. Nessas incursões foram aplicados

questionários estruturados e a sua amostra foi não probabilista simples aleatória. E para complementação da pesquisa foi realizado um grupo focal com alunos da LEDOC com o objetivo de analisar o sentimento de visibilidade e reconhecimento em relação à comunidade do campus UnB Planaltina e por fim uma ação interventiva realizada por meio de uma mística para socializar e apresentar ao campus UnB Planaltina o curso e a sua importância.

Os resultados de compilações de buscas bibliográficas e de campo que levaram a produção desse trabalho estão divididos em capítulos para melhor compreensão, dividindo-se em quatro partes principais. A introdução que traz um panorama geral da pesquisa, os objetivos e a metodologia utilizada. A segunda parte, ou primeiro capítulo, é constituída por uma contextualização da pesquisa, com informações oriundas de uma revisão de literatura sobre o tema e a apresentação da área de pesquisa. Ainda nesse momento, busca-se apresentar uma descrição do ambiente onde ocorreu a pesquisa, suas peculiaridades e o problema de pesquisa. Já no terceiro capítulo apresenta-se, de forma detalhada, os resultados das três etapas interventivas da pesquisa, com reflexões oriundas da observação de campo, análise de dados e relação com a literatura citada na segunda parte. Por fim, as considerações finais com um compilado das principais inferências possíveis após a discussão dos resultados.

## **CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: UM DIÁLOGO COM OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

A pesquisa aqui apresentada teve como base verificar o conhecimento entre as pessoas de um ambiente acadêmico sobre a licenciatura em educação do campo, bem como buscar um mecanismo de divulgação do curso como ganho no processo de afirmação da realidade do campo, suas lutas e direito à educação de qualidade. Diante desse quadro, é importante que, de um lado se trace um panorama da realidade em que se insere o público da educação do campo pesquisado e, de outro lado também se busque compreender a luta histórica por uma educação do campo. Com tal proposta procura-se intervir diretamente na conquista e na garantia de um dos direitos humanos mais caros aos indivíduos inseridos em qualquer espaço territorial e cultural: a educação.

### **1.1 Entendendo a educação do campo**

Segundo Ferreira et.al (2011), ao longo da história do Brasil, o processo de exclusão social e também político, econômico e cultural, sempre esteve presente e era tido como algo “natural”. Para os autores, ainda nos dias atuais fazer uma referência a este processo de exclusão se constitui uma tarefa altamente complexa, visto que a resistência ainda é forte por parte da sociedade neoliberal, principalmente por aqueles que ainda se beneficiam com a exclusão social. Os resquícios da história nos levam à constatação de que nas escolas brasileiras contemporâneas, as questões históricas que remetem ao processo de exclusão social não são trabalhadas de forma satisfatória, com autoridade e conhecimento de causa por parte dos educadores. Ferreira et.al(2011) embasam essa afirmativa fazendo um recorte do processo de exclusão no Brasil desde o período colonial com a segregação dos índios e negros até os dias atuais com a população rural, por exemplo, que em alguns casos ainda é tida como uma minoria

fracassada e frágil, tendo como alternativa se tornar um apêndice da sociedade e a margem dessa.

Neste sentido, os movimentos sociais do campo surgem para se contraporem a esta realidade. Em geral, esses movimentos têm suas reações traduzidas pelas lutas dos camponeses pela terra e superação do sistema capitalista. Molina e Sá (2012) afirmam que a educação do campo surge em face deste cenário de busca por melhores condições de vida, afirmação de identidade, acesso a terra e ao conhecimento democrático.

A partir das ideias expostas na 1ª Conferência Nacional *Por uma Educação Básica do Campo* em 1998 promovida pela CNBB, MST, Unicef, Unesco e UnB, podemos entender um pouco melhor o que quer dizer essa mensagem de educação básica e movimentos sociais. Notadamente, podemos compreender o porquê da necessidade de implementação de uma política de ações voltadas à educação campesina e, sobretudo a sensibilização da sociedade em relação à importância do respeito e a preservação dessa diversidade bem como o intercâmbio de experiências. Em relação à troca de experiências nesta conferência, Arroyo (1999), descreve a pedagogia dos gestos com um grande diferencial que merece destaque:

Vocês falam de mil maneiras, falam com muitas linguagens com palavras, com rituais e com sua mística maravilhosa. Falam cantando, falam com a presença das crianças chorando, brincando, acompanhando as mães e pais. Mas o que mais impressiona são os rituais, os gestos. A força educativa do ritual, dos gestos, está presente e domina todos os encontros. A sociedade brasileira está aprendendo com o movimento do campo. (Arroyo, 1999, p.15-16).

Com esta fala o autor traz à reflexão a importância de uma educação inclusiva e não dicotômica entre o rural e o urbano por exemplo. Para melhor ilustrar esta ideia Martins (2009), defende que propor uma educação inclusiva é antes de qualquer coisa compreender as especificidades desses excluídos, que, mesmo em condições adversas, fornecem elementos culturalmente ricos e de grande relevância para a prática pedagógica. Segundo ele, incluir as minorias privadas de direitos pressupõe a compreensão de suas especificidades como componentes de uma totalidade na qual eles estejam inseridos. O autor descreve este como um dos principais eixos de entendimento da proposta da educação do campo. Em suas palavras, este é um grande desafio a ser superado, sendo importante compreender as especificidades das minorias excluídas e das camadas populacionais situadas à margem do processo educacional. Segundo Martins, não se trata de somente destacar as carências desses povos; para ele, é

imprescindível realçar seus elementos culturais singulares, os quais se constituem como ponto de partida para uma ação pedagógica e uma grande "riqueza cultural" (MARTINS, 2009, p.3).

Para melhor compreender este raciocínio Arroyo (1982, p.3), sugere que o trato da educação rural seja pautado em dois fundamentos que são: “a condição carente do homem do campo ou sua pobreza econômica e, em contraste, sua riqueza cultural.”.

Martins (2009, p.4), acrescenta que:

O campo é mais que uma concentração espacial geográfica; é o cenário de uma série de lutas e movimentos sociais; é ponto de partida para uma série de reflexões sociais; é um espaço culturalmente próprio, detentor de tradições, místicas e costumes singulares; é ainda um espaço com dimensões temporais independentes do calendário convencional civil. Enfim, o homem e a mulher do campo são sujeitos historicamente construídos a partir de determinadas sínteses sociais, que são específicas, de dimensões diferentes das urbanas.

Dessa forma fica entendido que a educação do campo prima pela construção coletiva dos sujeitos sociais do campo, onde a promoção e reprodução da vida e das raízes são fundamentais.

A distinção com a “educação rural”, o apreço pela apresentação gramatical da expressão educação DO campo, contrapõem-se à educação NO campo, por entender que mais que uma prática educativa realizada na zona urbana, é uma prática educativa que se constrói a partir do local. Frisar que a educação é DO campo é acentuar a reconstrução social desse espaço pelos seus sujeitos, fato que antecede a prática educativa formal. (MARTINS, 2009 p.7).

No âmbito da superação de desafios, do estabelecimento de uma política e, sobretudo do reconhecimento é importante destacar alguns pontos que necessitam ser aprimorados, mas que podem ser reconhecidos avanços. A lei de diretrizes e bases da educação que a partir do ano de 1996 aponta um direcionamento específico à escola do campo no artigo 28 que prescreve:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (LDB, 1996).



Para Ferreira (2011), esta lei apesar de mencionar a oferta de educação básica para o meio rural precisa ser aprimorada tendo em vista que para a comunidade acadêmica e os movimentos rurais a leitura se traduz na lapidação de mão de obra visando o mercado de trabalho capitalista.

Em face dessa crítica, Molina e Freitas (2011) enfatizam que a educação do campo ainda precisa superar inúmeros desafios, mas que nos últimos anos tem evoluído em suas conquistas. Para as autoras, uma destas conquistas está na compreensão de ser a educação campestre vinculada a um modelo de desenvolvimento que priorize os diversos sujeitos sociais do campo. Desse modo esta proposta de educação, acaba por se contrapor ao modelo de desenvolvimento hegemônico que, em grande medida, beneficia as classes sociais mais altas (grandes proprietários de terra no país). Ademais, as autoras concordam que a proposta de educação do campo também se vincula a um projeto maior de educação tendo em vista a classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de outro projeto de sociedade e de Nação. Por fim elas alertam que a consequência intrínseca dessa vinculação está em ver que a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazem parte dessas lutas.

Neste contexto, e através da análise das autoras entende-se que é imprescindível a criação de mecanismos de controle das desigualdades e da precariedade do acesso à educação, tendo em vista o respeito a todas as peculiaridades mencionadas dessa nova modalidade educativa.

## **1.2 Contextualização local: a educação do campo em um *campus* universitário**

A proposta da educação do campo em âmbito nacional se pauta no fortalecimento do campo brasileiro, tendo em vista que este não deve se consolidar apenas como um canal de produção de alimentos ou bens de consumo, mas ir além, com

a produção e a reprodução da vida. A relevância da construção de saberes tradicionais no sentido de tornar mais democrático o acesso ao conhecimento ao povo do campo que já convivem em grande medida com o histórico de serem apenas um apêndice do ensino urbano, que de forma prática não se adéqua a realidade rural e campesina na sua completude (FERREIA et. al, 2011).

Nesse contexto, o esforço coletivo em abordar os requisitos mínimos das áreas de conhecimento e de forma simultânea convergir esse esforço na conquista de uma educação interdisciplinar. Isto é, um princípio de educação que considere o estudante como sujeito ativo dentro da abordagem de ensino e aprendizagem se constitui como parte do trabalho dos professores do curso de Licenciatura em Educação do campo.

Para melhor ilustrar a ideia desta relação tão intensa do sujeito dentro do processo de pedagógico e de ensino, o pensamento de Arroyo et. al (1999), traz luz ao debate. Em suas reflexões, eles entendem que a pedagogia do ritual do gesto, do corpo, da representação, da comemoração ou da lembrança da memória coletiva se constituem como fundamentais dentro processo de ensino e aprendizagem e como característica desse grupo.

Na busca desses elementos, o curso de Licenciatura em Educação do Campo que abraçou essa pesquisa, tem como seus principais focos a formação de docentes de nível fundamental e médio contextualizada e consistente a um sujeito capaz de propor e implementar as transformações político pedagógicas necessárias à rede de escolas que hoje atendem a população que trabalha e vive no e do campo.

Além disso, segundo o Projeto Político Pedagógico do curso, a proposta está em considerar a concepção de que o campo é território de produção de vida, de produção de novas relações sociais, de novas relações entre os homens e a natureza, de novas relações entre o rural e o urbano. Nesse sentido o PPP acata a ideia de que faz-se necessária uma concepção filosófica e teórica que permita articular o pensar e o fazer pedagógico com a construção de alternativas de desenvolvimento sustentável das comunidades do campo.

Seu sistema organizacional foge da semestralidade comum da universidade, existindo o tempo escola e o tempo comunidade. Tempo escola se refere ao período em que o trabalho é desenvolvido dentro da unidade de formação dos docentes – neste caso específico da universidade UnB Planaltina FUP –, enquanto o tempo comunidade se refere ao trabalho que será desenvolvido nas comunidades de origem dos alunos e nas

escolas escolhidas para inserção. As denominadas escolas de inserção são aquelas localizadas nas comunidades ou aquelas que atendam crianças e jovens das comunidades, mesmo que localizadas fora desta, e são escolhidas pelos alunos para desenvolver as atividades dos componentes curriculares.

É importante dizer que estas atividades são realizadas segundo as orientações oriundas do Tempo/Espaço Curso e acompanhadas “in loco” por docentes designados pelas instituições parceiras em cada Estado. Dessa forma ocorre uma integração da atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, como também nos tempos e nos espaços das comunidades onde se encontram as escolas do campo.

Toda essa relação é importante porque respeita a rotina do campo, períodos de colheita, onde a presença de todos os membros da família é importante, por exemplo. Além disto, o Projeto Político Pedagógico do curso entende que a proposta desse regime de alternância consiste em permitir o acesso e a permanência na Licenciatura dos professores em exercício na licenciatura e não condicionar o ingresso de jovens e adultos na educação superior à alternativa de deixar de viver no campo.

Um diferencial é a formação por áreas, onde o licenciando cursa um bloco comum inicialmente e, após alguns períodos do curso, escolhe a linha de ciências da natureza ou linguagens. Essa formação melhor se adapta a realidade educacional do campo, uma vez que esta definição de proposta é construída entre a Universidade e suas parcerias considerando as demandas/perfil do grupo e as condições objetivas da oferta.

A concepção adotada para esta licenciatura pretende contribuir para a superação de alguns desafios, que são:

- Organização dos componentes curriculares por áreas de conhecimento e trabalho pedagógico interdisciplinar, de modo que os estudantes-educadores possam vivenciar na prática de sua formação a lógica do método para o qual estão sendo preparados.
- Relação não hierárquica e transdisciplinar entre diferentes tipos e modos de produção de conhecimento.
- Ênfase na pesquisa, como processo desenvolvido ao longo do curso e integrador de outros componentes curriculares.
- Processos, metodologias e postura docente que permitam a necessária dialética entre educação e experiência, garantindo um equilíbrio entre rigor intelectual e

valorização dos conhecimentos já produzidos pelos estudantes em suas práticas educativas e em suas vivências sócio-culturais.

- Humanização da docência, superando a dicotomia entre formação do educador e formação do docente.
- Visão de totalidade da Educação Básica.
- Abordagem da escola nas suas relações internas e com o contexto onde ela se insere.

A carga horária do curso é de 3.525 h/a distribuídas em 8 etapas, sendo prevista uma etapa a cada semestre integralizando 4 anos de curso.

Apresentação da composição da carga horária total do curso:

- a. Núcleo de Estudos Básicos = 795 h/a
- b. Núcleo de Estudos Específicos = 1410 h/a
- c. Núcleo de Atividades Integradoras = 1320 h/a, sendo 405 h/a de práticas pedagógicas, 405 h/a de estágios acompanhados, 210 h/a de atividades de pesquisa, 60 h/a de seminários integradores e 240 h/a de outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

### **1.3 Contextualização pessoal: trajetória da pesquisadora e a pesquisa**

O nascimento de um projeto de pesquisa decorre na maioria dos casos da relação prática e da vivência acadêmica de quem o escreve. Neste sentido, a formação na área de ciências humanas e aplicadas (bacharel em gestão do agronegócio), a proximidade com as nuances que envolvem o objeto deste trabalho desde a graduação até o envolvimento na vida profissional, com o apoio e atuação em programas e políticas públicas de desenvolvimento da agricultura familiar e inclusão social foram, sem dúvida, determinantes para suscitar a problemática em questão.

Além dos fatores mencionados, é importante dizer que a reflexão sobre a educação do campo e, sobretudo, a criação de um curso de licenciatura específico para essa realidade nortearam a base deste trabalho. A vivência de graduação dentro do campus UnB-Planaltina propiciou a observação e sensação do quanto à diversidade

cultural e o sujeito do campo mesmo no contexto atual, com políticas públicas e inúmeros debates sociais tão bem afirmados ainda são insuficientes para uma reflexão social completa no que tange a igualdade no convívio. De modo geral, o que se percebe é que para a grande maioria do público universitário, a temática em questão e seus componentes ainda são tidos como diferentes, ou mesmo desconhecidos dentro da própria universidade. A ideia foi de que, com o apoio da pesquisa surgissem evidências de como a educação do campo e em específico o curso de licenciatura na área são vistos dentro do campus universitário UnB-Planaltina. Dessa forma, a partir dos resultados obtidos com a pesquisa a ideia será sugerir canais que proporcionem o conhecimento e maior visibilidade do significado educativo e cultural da criação da LEDOC dentro da Faculdade UnB Planaltina, entendem a luta por um dos mais básicos e fundamentais direitos humanos: educação de qualidade e que seja útil em suas vidas.

## **CAPÍTULO II: METODOLOGIA E AÇÕES INTERVENTIVAS**

### **2.1 Metodologia**

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, pois se atém à variáveis objetivas e abertas. O trabalho foi desenvolvido em caráter exploratório porque houve a necessidade de incursões à campo com o objetivo de coletar maiores dados junto ao objeto de pesquisa: tanto os alunos dos cursos de graduação oferecidos no campus (Gestão Ambiental, Gestão do Agronegócio e Ciências Naturais), quanto professores e funcionários.

Essas incursões consistiram na aplicação do questionário estruturado para os três grupos mencionados. Esse questionário consistiu na percepção da comunidade acadêmica em relação a existência da LEDOC e sua dinâmica. A amostra foi não probabilista simples e aleatória. A natureza das perguntas foram subjetivas e abertas, buscando identificar qual o conhecimento do público em relação à LEDOC no que tange sua existência, dinâmica e relevância.

A amostra não probabilística simples consistiu em 50 entrevistados dentro do campus. Dentro desse grupo foram entrevistados 10 professores, 10 funcionários e 30 estudantes de graduação (10 graduandos em Gestão do Agronegócio, 10 em Gestão Ambiental e 10 em Ciências Naturais) e isso objetivou identificar a concepção da comunidade acadêmica sobre a temática. No universo geral desta amostra (50 questionários), foi possível coletar dados de 23 homens e 27 mulheres, não havendo variações significativas em suas respostas devido ao gênero deles.

Para complementar este trabalho também foi realizado um grupo focal com os licenciandos em Educação do Campo (três homens e três mulheres de comunidades distintas com sentido de respeitar a heterogeneidade e as diferentes opiniões). Objetivou-se com esse grupo a análise de visibilidade e reconhecimento destes sujeitos em relação à comunidade acadêmica do campus UnB Planaltina compreendendo o significado de estar na universidade, o sentimento de acolhimento e reconhecimento como sujeitos de direito.

Após as referidas etapas ocorreu a intervenção. Essa ação compreendeu a realização de uma mística no sentido de esclarecer o que é a educação do Campo e a

importância da LEDOC. Esta ação propiciou um momento de socialização entre a comunidade acadêmica e a apresentação dos estudantes da LEDOC com o público.

## **2.2-Ações interventivas**

Com o intuito de melhor investigar as questões vinculadas a visibilidade e ao reconhecimento dos sujeitos do curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEDOC dentro do campus UnB Planaltina, primeiramente foi realizada a técnica de grupo focal.

Um grupo focal (GF) é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão. (GOMES et.al, 1999).

Atualmente o curso de licenciatura em Educação do Campo- LEDOC, do campus UnB Planaltina conta com três turmas referentes às grandes áreas do conhecimento estabelecidas pelo curso: ciências da natureza, da linguagem e matemática. Dentro deste contexto, o grupo focal em questão foi constituído por seis alunos, sendo três homens e três mulheres reunidos em duplas de cada turma e de comunidades distintas. A seleção deste grupo de alunos foi feita através dos seguintes critérios: diversidade de opiniões, diferentes perspectivas em relação aos tópicos abordados respeitando o princípio de democratização na participação do trabalho.

Estas perguntas compreenderam informações de como eles analisam a oportunidade de estarem na universidade, informações referentes ao sentido de reconhecimento dentro do campus, estímulos à auto afirmação e valorização das raízes e a avaliação das perspectivas dos mesmos em relação ao campus UnB Planaltina. Neste trabalho foi realizado o registro manuscrito e fotográfico.

Em parceria com os alunos da LEDOC foi realizada uma ação de intervenção para apresentar o curso para o público da faculdade UnB Planaltina por intermédio da arte e da música, mais especificamente através de uma mística e da exposição de cartazes conceituando o curso.

Segundo Silva, (s.d), a mística é também “alimento da imaginação” e por ser alimento não pode ser estática, deve ser ação, prática militante. Além disso, ela também

é vinculada a prática educativa de caráter formativo e de experiência dos trabalhadores do campo e por isso muitos a consideram arte.

Na reflexão de Comilo et. Al (2010), “a mística” é tida como a pedagogia dos gestos no MST no campo da educação do campo enquanto “expressão cultural na identidade dos Sem Terra”. Levando em consideração as práticas cotidianas de educação e trabalho numa perspectiva de resgatar a história de luta, mantendo viva a chama da revolução social defendida desde o início, assim como a esperança e o sonho. Nesta perspectiva, alguns ritos são mantidos durante os encontros, reuniões e apresentações, conservando o sentimento que sempre fez parte do Movimento por meio da mística. Para o autor a mística é entendida como uma prática permanente nos assentamentos e acampamentos em todo Brasil e por ela são desenvolvidos e atualizados meios da relação orgânica com a realidade concreta: a situação social, política, econômica e educacional do Movimento e do Brasil.

Esta atividade ocorreu estrategicamente no horário do intervalo no pátio da faculdade. O objetivo foi concentrar o maior número de pessoas possíveis para a conscientização sobre o curso e sobre a educação do campo. A mística envolveu os alunos da LEDOC que por meio de gestos e teatro envolveram os presentes que ali estavam e passavam com perguntas em relação ao tema abordado, com hinos e poesias todos retratando o que vem a ser o curso, a importância e o que isso representa para eles. Toda a atividade foi fotografada e filmada. Na tabela 1 estão dispostas as atividades desenvolvidas e os períodos de tempo dedicados a cada uma delas nesta pesquisa.



Tabela 1: Cronograma de ações:

<b>Ação</b>	<b>Período</b>
Apresentação da proposta de estudo e intervenção junto à coordenação da LEDOC	21/08/2015
Elaboração do roteiro de perguntas para o grupo focal	22 a 25/08/2015
Aprovação da proposta do grupo focal pela coordenação da LEDOC	27/08/2015
Mobilização dos alunos para aplicação do grupo focal	28/09/2015
Realização do grupo focal	31/08/2015
Análise do grupo focal	01/09/2015
Estruturação dos questionários e pesquisa de campo	02/09/2015 a 10/09/2015
Tabulação e análise dos dados dos questionários	11/09/2015 a 14/09/2015
Mobilização dos alunos para a intervenção e preparação dos materiais e recursos	14/09/2015 a 17/09/2015
Intervenção	18/09/2015

Fonte: Elaboração Própria

### **CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O presente trabalho teve por objetivo identificar as concepções de membros da comunidade acadêmica do campus UnB Planaltina (universitários, professores e servidores) sobre o que é a LEDOC- Licenciatura em Educação do Campo, bem como de criar um momento destinado a divulgação do que vem a ser esse curso, suas lutas e desafios.

#### **3.1 Caracterização Geral do Público**

Dentro do instrumento de pesquisa, foram consideradas três importantes variáveis para análise: O conhecimento sobre a existência do curso no campus, a compreensão da dinâmica do curso e a relevância da criação de um curso específico para a educação do campo. Na perspectiva sobre o conhecimento da existência do curso no campus, percebe-se que o desconhecimento provém de apenas 1% do quadro de funcionários sendo que 5% de pessoas que não informaram.

No segundo item sobre o conhecimento da dinâmica do curso, o quadro é um pouco mais preocupante, visto que apenas 14% da amostra total tem clareza sobre o funcionamento do curso e no último item sobre a relevância da criação de um curso específico para educação do campo, a realidade é um pouco diferente: a grande maioria defende a existência deste curso específico, porém há controvérsias nas justificativas. Os que responderam de forma negativa à proposta encaram-na como algo que não mereça tanto destaque, justificando que os professores devem ser preparados para todo tipo de realidade sem diferencial.

Através destes dados percebe-se o quão desconhecida a educação do campo é para a comunidade acadêmica em questão, mais do que isso, o quanto se torna evidente a falta de interação e reconhecimento dos sujeitos dentro de uma unidade de ensino reconhecida como a 4ª melhor do país (G1, 2015).

Apesar de pouco reconhecida a dinâmica do curso em suas respostas a comunidade acadêmica apresenta apoio apenas na perspectiva do discurso do politicamente correto, visto que não se relacionam e não compreendem a essência real deste curso.

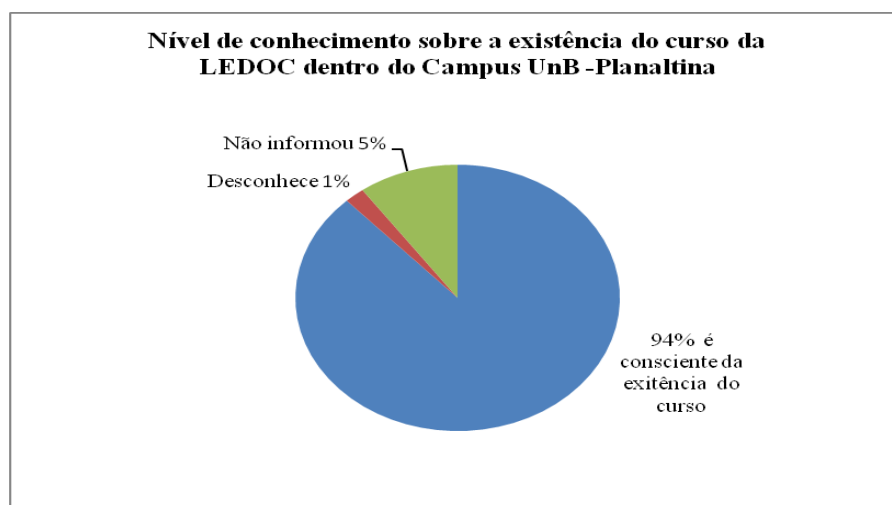
Além deste trabalho também foi realizado um grupo focal, no sentido de melhor compreender a visão do licenciando em educação do campo no que se refere a oportunidade de estar na universidade, bem como o reconhecimento dentro do próprio campus e a valorização de suas raízes. Este grupo foi composto por seis pessoas, sendo três homens e três mulheres, divididos em duplas e por área temática de formação (ciências da natureza e matemática; e linguagens), um homem e uma mulher. Os integrantes deste grupo pertencem a assentamentos de reforma agrária e comunidades quilombolas.

### **3.2 Dinâmica e Importância Do Curso: Concepções Dos Participantes Da Pesquisa**

Dos três itens avaliados pelo questionário, percebe-se que a compreensão da dinâmica do curso bem como a relevância da criação de um curso específico para educação do campo se mostraram como vertentes de desconhecimento e discussão.

A grande maioria dos entrevistados, como ilustra o gráfico a seguir (gráfico 1) é consciente da existência do curso de Licenciatura em Educação do Campo dentro do campus UnB Planaltina, porém desconhece ou entende de forma precária sua dinâmica e importância.

Gráfico 1: Nível de Conhecimento sobre a Existência do Curso da LEDOC dentro do Campus UNB - Planaltina



Fonte: Elaboração Própria

Quando abordada a compreensão da dinâmica do curso, percebe-se um nível muito baixo de conhecimento dos entrevistados. As tabelas a seguir (tabelas 1, 2 e 3) mostram esta situação de maneira clara e separada por grupos.

Tabela 2 - Graduandos

N° de Entrevistados( Graduandos)	Percepção da Dinâmica	%
16	Assumiram desconhecer a dinâmica do curso	53
4	Não expressaram opinião	13
10	Conhecem e manifestam opiniões de forma genérica ou precária	33

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 3 - Professores

N° de Entrevistados( Professores)	Percepção da Dinâmica	%
4	Assumiram desconhecer a dinâmica do curso	40
1	Não expressaram opinião	10
1	Conhece a dinâmica do curso	10
4	Conhecem e manifestam opiniões de forma genérica ou precária	40

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 4 - Funcionários

N° de Entrevistados( funcionários)	Percepção da Dinâmica	%
5	Assumiram desconhecer a dinâmica do curso	50
2	Não expressaram opinião	20
1	Conhece a dinâmica do curso	10
3	Conhecem e manifestam opiniões de forma genérica ou precária	30

Nota-se que da amostra total (50 entrevistados), apenas dois participantes (um professor e um funcionário) entendem o funcionamento da dinâmica do curso, relacionando suas respostas com as áreas de atuação em que o licenciando poderá trabalhar e o regime de alternância oferecido pelo curso (tempo escola e tempo comunidade). Os demais, cerca de 17 participantes, compreendem superficialmente a temática em questão e também apontam como indicador característico da dinâmica do curso o regime de alternância desta modalidade, porém não sabem precisar o período de alternância. Esta visão “genérica” que assumem diante da pergunta, se dá em função de uma observação óbvia, o fato dos estudantes da LEDOC não permanecerem dentro do campus pelo mesmo período em que os demais cursos. Aparentemente esta é a única observação que a amostra conseguiu destacar.

Organização curricular por etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) em regime de alternância entre Tempo/Espaço Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo, para permitir o acesso e a permanência nesta Licenciatura dos professores em exercício e não condicionar o ingresso de jovens e adultos na educação superior à alternativa de deixar de viver no campo. (PPP – LEDOC, 2009).

Outra resposta que chamou a atenção foi: “*-Não conheço muito o funcionamento da LEDOC no meu campus, embora eu sempre esteja em algumas atividades práticas dos estudantes pelo campus (oficinas, exposição)*”, demonstra claramente que não existe uma articulação de atividades e interface explícitas com os demais cursos.

A diferença pode ser entendida como uma categoria para se referir às experiências de determinados grupos sociais, pois evidencia tanto as práticas de exclusão historicamente constituídas como a produção de novas posições de sujeito<sup>1</sup>. Pelo que se percebe, estas novas posições de sujeito foram colocadas até o momento dentro do campus numa interface de vulnerabilidade e estranheza perante as atividades bem como dos outros cursos. Pelos relatos, a comunidade acadêmica deixa claro saber da existência do curso, porém, que não existem relações além desta informação.

Segundo o Plano de Políticas e Práticas Pedagógicas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina, o curso iniciou-se no ano de

---

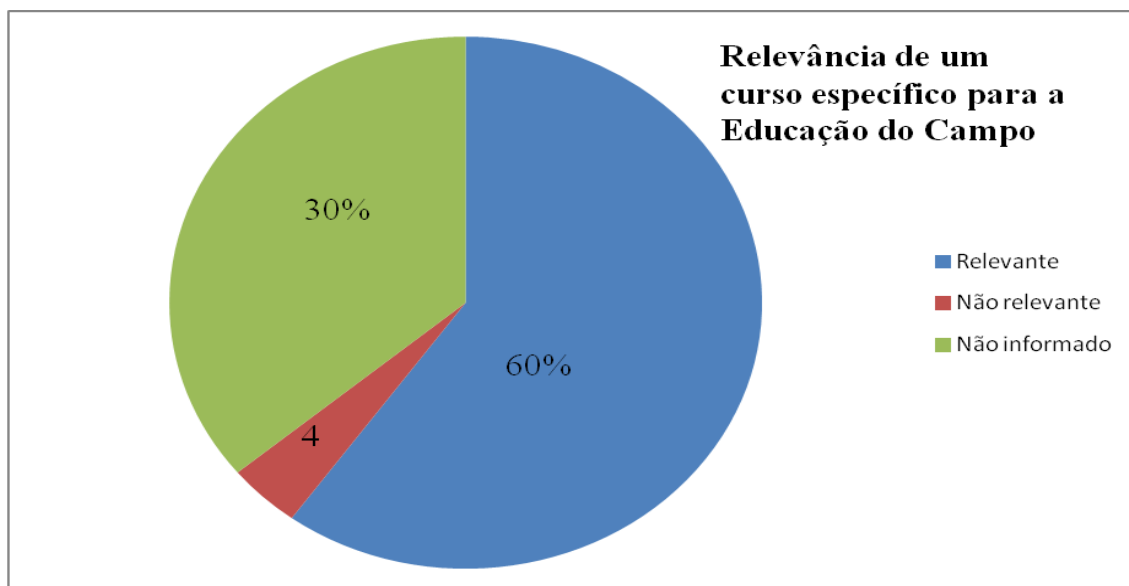
<sup>1</sup> (DELMONDEZ; NASCIMENTO, SD, p.3, Módulo 02). Do curso de Especialização em Educação em e Para Direitos Humanos na Diversidade Cultural.

2007, são cerca de oito anos presentes dentro de um espaço, onde o sujeito do campo, suas lutas e sua razão de ser dentro do ambiente acadêmico são relativamente desconhecidos.

A educação consiste num processo de propiciar o encontro com o outro, com o mundo e consigo mesmo e que os seres humanos se constituem como espécie e como indivíduo exatamente nessas relações. Infere-se que a partir desta possibilidade o desenvolvimento, inclusão social e visibilidade da educação do campo dentro do Campus UnB Planaltina seriam mais efetivos.<sup>2</sup>

O gráfico a seguir (gráfico 2) representa a opinião dos entrevistados em relação a importância da criação de um curso específico para a Educação do Campo, 60% dos entrevistados consideram relevante, 30% não manifestaram opinião a respeito e 4% consideram não relevante.

Gráfico 2: Relevância de um curso Para a Educação do Campo



Fonte: Elaboração Própria

As maiores das que julgaram relevante nas três categorias de entrevistados, tiveram como objeto de justificativa a inclusão social (preservação da identidade do campo, educação democrática, acesso a informação e a cidadania).Nessa perspectiva

<sup>2</sup> (PULINO, 2014, p. 03). Do curso de Especialização em Educação em e Para Direitos Humanos na Diversidade Cultural.

houve uma resposta que merece destaque, esta foi originada da categoria de professores. O participante “W” diz que: *“-Só acredito que podia ser menos “político”, ou seja, incute uma ideologia específica e deixa um pouco o “conteúdo” específico. Me parece que o curso seria bom para um gestor e não para um educador”*.

Essa afirmação transmite a mensagem de que é relevante, porém de que o curso é altamente investido de ideologias. Nesse contexto se faz interessante entender de onde provém e o que é a Educação do Campo e o porquê esse curso foi criado.

Segundo Souza (2008), a Educação do Campo é fruto das demandas dos movimentos e organizações sociais dos trabalhadores rurais, assim sendo, ela expressa uma nova concepção quanto ao campo, ao camponês ou ao trabalhador rural, fortalecendo o caráter de classe nas lutas em torno da educação. A autora acrescenta que assim sendo, os Movimentos Sociais e de modo específico o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), demandam do Estado iniciativas no âmbito da oferta de educação pública e da formação de profissionais para trabalhar nas escolas localizadas no campo, daí nasce a necessidade da formação de profissionais específicos para essa demanda.

Nesse contexto Molina et.al (2011), reforçam que a partir do último decênio os sujeitos coletivos do campo passaram a ocupar lugar no cenário educacional brasileiro através dos movimentos sociais do campo e que a articulação desses movimentos ao Movimento da Educação do Campo como instrumento político trouxeram grandes avanços no que se refere ao desenvolvimento da Educação do Campo, a conquista de marcos legais, a inserção do tema na agenda de pesquisa das universidades públicas do país e maior articulação entre os diferentes movimentos e instituições vinculados à luta pela Educação do Campo.

O Projeto Político pedagógico do curso em Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC em sua apresentação menciona que o curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno. Além disso, o documento diz que o curso pretende contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência prática para políticas e pedagogias de Educação do Campo. Dessa forma, o curso se insere num esforço de afirmação da Educação do Campo como política pública, em um processo de construção de um sistema público de educação para as escolas do campo. Dentro dessa perspectiva,

uma abordagem mais politizada do processo de ensino e aprendizagem se faz imprescindível para que o sujeito do campo se aproprie das ferramentas de luta que lhe são fornecidas e aplique seus esforços em um direcionamento de libertação de seu povo.

Outra resposta advinda do grupo de professores (pertencente ao pequeno grupo que não considera relevante a criação do curso), também chama a atenção por seu conteúdo. O participante “Y” diz que: *“O professor deve ser preparado para todas as realidades, como por exemplo cidade ou campo. Os resultados da LEDOC ainda não foram objeto de estudos e pode trazer surpresas”*. Esta é uma afirmação questionável, visto que a realidade e a origem da Educação do campo se mostra específica em vista das outras (cultura, linguagem, histórico, conflitos entre outros).

Segundo Arroyo (1999), é impossível pensar na educação do campo sem referir-la aos sujeitos concretos, históricos, à infância, à adolescência, à juventude, aos adultos que vivem e se constituem humanos. Essa é uma reflexão que traduz a ideia do processo de constituição de uma identidade e da preservação da mesma.

É importante compreender que um dos papéis do licenciando em educação do campo, como afirma o Plano Político Pedagógico do curso da LEDOC, consiste em atuar junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, e da diversidade de ações pedagógicas necessárias para concretizá-la como direito humano e como ferramenta de desenvolvimento social. Dessa forma entende-se que se trata de uma realidade oposta a habitual do ensino tradicional urbano, por isso busca-se uma forma de preparação diferenciada<sup>3</sup>.

Nessa perspectiva Arroyo (1999), salienta que não se pode esquecer das marcas culturais da educação do campo, que portanto devem estar presentes dentro do trabalho a pedagogia dos gestos, do ritual, da representação, da comemoração ou lembrança da memória coletiva dentro do processo de aprendizagem. Além disso, o autor completa que recuperar a centralidade dos educadores e dos educandos no sentido de encará-los como sujeitos sociais e culturais só será possível se os profissionais ou pedagogos tiverem consciência dos seus direitos e participarem dos movimentos nos quais os

---

<sup>3</sup> no texto tornar-se humano: *“...o indivíduo não pode ser pensado fora de sua historicidade – a da espécie e a de cada indivíduo –, da cultura e da sociedade.”* de acordo com PULINO (2015). P. 03, Módulo IV. Do curso de Especialização em Educação em e Para Direitos Humanos na Diversidade Cultural.



constroem como sujeitos históricos. (p.11) Nesses argumentos estão inseridos as justificativas para um profissional tão específico.

### **3.3 A Educação Do Campo Na Universidade: A Perspectiva Dos Licenciados Da LEDOC**

Percebe-se que do quadro geral de entrevistados todos são conscientes da existência do curso de Licenciatura em Educação do Campo dentro da Universidade UnB Planaltina, porém analisando de forma minuciosa as respostas do questionário, é nítido que há um desconhecimento generalizado a cerca da dinâmica bem como da necessidade da existência de um curso específico para fomentar a inclusão social e o desenvolvimento do campo sem desconstruir essa identidade proveniente do campo e dos movimentos sociais do mesmo.

Além da aplicação da referida pesquisa, também foi realizado um grupo focal com estudantes da graduação da LEDOC com o intuito de auferir informações quanto ao reconhecimento, acolhimento e oportunidade de estar na universidade.

Este grupo foi dividido entre três homens e três mulheres de comunidades distintas a fim de respeitar a heterogeneidade do grupo e sua diversidade de opiniões no sentido de preservar suas identidades os participantes serão aqui apresentados por pseudônimos.

Todos os participantes enxergam a oportunidade de estarem na universidade como única. Visualizam esse momento como uma oportunidade ímpar de crescimento, tendo em vista as condições peculiares de cada comunidade (escassez de recursos, distância do meio urbano e dificuldades de modo geral). Além disso, eles percebem essa situação como forma de desenvolver, preservar as raízes e principalmente a presença do cidadão do campo por intermédio do acesso conhecimento.

A principal questão apontada pelo grupo foi em relação ao sentimento de segregação dentro do campus. O grupo menciona que não se sente reconhecido tão pouco acolhido pela comunidade acadêmica, e que esta sensação se traduz em maior dimensão quando se trata de funcionários. Por meio das falas a seguir pode-se entender um pouco melhor essa realidade:

Participante A: “-uma colega foi impedida de entrar em um evento por um funcionário, isso foi motivo de grandes discussões entre nós e chegamos a conclusão de que falta uma comunicação mais clara entre os setores da FUP em relação a quem somos nós e onde podemos adentrar aqui na FUP!” dentre as diversas razões acredita-se que foi por causa do modo de se vestir ou de se expressar.

Participante B: “-percebemos que os alunos comentam, falam algumas “gracinhas”, reparam na gente, mas isto entre eles, já os funcionários não! Alguns se dirigem a nós como subsidiários. Isso é muito chato!

Participante C: “-as vezes acho que somos vistos pelos outros colegas como se fossemos de outro mundo parece que nunca viram pessoas como nós!

Participante D: “- acho que essa barreira vem da nossa classe social, nosso jeito de falar, de vestir, do povo do campo os costumes são totalmente diferentes!”

Participante E: “- As atividades do grupo deles acontecem e todo mundo vai, as nossas ficam só entre nós. Parece que não existimos aqui!”

Todas essas falas traduzem o contrário do ideal para o espaço em questão. Ao menos uma percepção pode ser o caminho para compreender o problema: a dificuldade de interlocução entre os atores acadêmicos pela questão de diferença do grupo estudado em relação aos demais cursos da unidade acadêmica dificultando que os licenciandos em educação no campo tenham voz, ou se apresentem como sujeitos de direito que são<sup>4</sup>.

Nesta condição, identifica-se que talvez a problemática esteja exatamente na condição que estes sujeitos se colocam, ou seja, vulneráveis. Por meio do diálogo do grupo focal percebeu-se que o curso não apresenta organizações acadêmicas próprias como os outros cursos possuem, por exemplo, centro acadêmico, empresas juniores dentre outros. Nessa perspectiva nota-se um forte sentimento de autopreservação dos licenciados na divulgação de suas práticas e da não apropriação das ferramentas públicas da universidade como salas de reuniões, equipamentos, auditórios neste tipo de organização. A universidade é um ambiente com grande fluxo de informação, desse

---

<sup>4</sup> O ser humano nomeado como diferente, para uma determinada comunidade cultural, pode assumir duas posições: uma, de vulnerabilidade–viver uma experiência de precária condição de vida; a outra, de resistência à sua condição de vulnerabilidade. Todavia, as duas posições não são excludentes. NASCIMENTO; DELMONDEZ; p.03. Módulo II. Do curso de Especialização em Educação em e Para Direitos Humanos na Diversidade Cultural.

modo o papel de colocar a “uma marca” dentro do campus acaba sendo de responsabilidade dos próprios estudantes.

O grupo menciona que um aspecto muito positivo dentro do curso, é a sua organicidade própria, o senso de colaboração com próximo e com o bem comum. Destacam a oportunidade e interagir com novas “bagagens culturais” de outras comunidades e assentamentos, além disso, ressaltam que todas as disciplinas ministradas no curso procuram reforçar a razão de ser da LEDOC, formas alternativas de passar o conteúdo e a importância de todos estarem ali para desempenhar o papel de educadores. Ficou muito claro que eles valorizam imensamente a forma de aprender e dar o primeiro passo no repasse do conhecimento dentro das comunidades após o tempo escola.

De forma geral o grupo lamentou a falta de interação da comunidade acadêmica com essa “riqueza cultural”. Suas falas são enfáticas no que diz respeito à isso:

Participante A: “Acho que é hora de chamar o restante dos alunos e funcionários para ver a nossa devolutiva, nossos trabalhos após o tempo comunidade. Sempre que retornamos da nossa comunidade temos que apresentar nosso trabalho aqui, mas isso fica somente entre nós e nossos professores. Talvez pudéssemos apresentar para eles também!”.

Além desta fala, o grupo considera como sugestão a possibilidade dos próprios professores trabalharem melhor a questão de divulgação do curso na comunidade acadêmica quanto às atividades inerentes à essência do curso.

Participante D: “-gostaríamos que eles levassem para outras turmas em comum, reuniões de colegiado ou mesmo atividades aqui na FUP nossa voz, o porquê a gente tá aqui. Notamos que isso acontece nos outros cursos e nós estamos no mesmo lugar. Seria bom que fossemos reconhecidos como universitários e que estamos aqui por uma conquista também, nossas lutas, enfim não somos seres humanos diferentes dos outros mas temos capacidade e gostaríamos que fossemos vistos como os outros. O fato dos licenciandos ocuparem um espaço dentro das universidades públicas se configura como conquista e resistência, pois estes se encontram em vulnerabilidade, e agora tentam resistir às suas condições de vida e enfrentamentos diários para ascenderem e serem incluídos socialmente, por meio da qualificação para se enquadrar na sociedade.

Todos esses relatos culminaram numa conclusão que já se fazia evidente dentro do campus UnB Planaltina, a comunidade acadêmica desconhece um movimento tão

importante no desenvolvimento da educação que é a Educação do Campo e mais especificamente a LEDOC. O diferente não é visto com o olhar de inclusão e compartilhamento talvez pela falta de diálogo entre os atores. Neste sentido em concordata com o grupo e com os alunos desta etapa do tempo escola, foi organizada uma mística. Além da mística, os próprios alunos confeccionaram cartazes divulgando a Educação no Campo no hall de entrada da universidade com o objetivo de apresentar a LEDOC e a Educação do Campo para toda a comunidade acadêmica. Essa atividade se deu estrategicamente no horário de intervalo das aulas na lanchonete da universidade. Havia a presença de estudantes de todos os cursos bem como de professores e funcionários. A abordagem da mística primeiramente foi em questionar os presentes em relação ao seu conhecimento em relação a Educação do Campo; De surpresa os licenciandos abordaram com a seguinte indagação: “ Você sabe o que é Educação do Campo?” e a partir daí se desenvolveu uma interação entre os públicos a medida que os esclarecimentos eram realizados pela mística. Conforme já mencionado a maioria dos participantes desconheciam a proposta do curso de Licenciatura em Educação do Campo e sua diversidade, deste modo se mostraram receptivos com a atividade visto que participaram até o final.

Figura 1: Abordagem da Ledoc com o público “O que é LEDOC?”



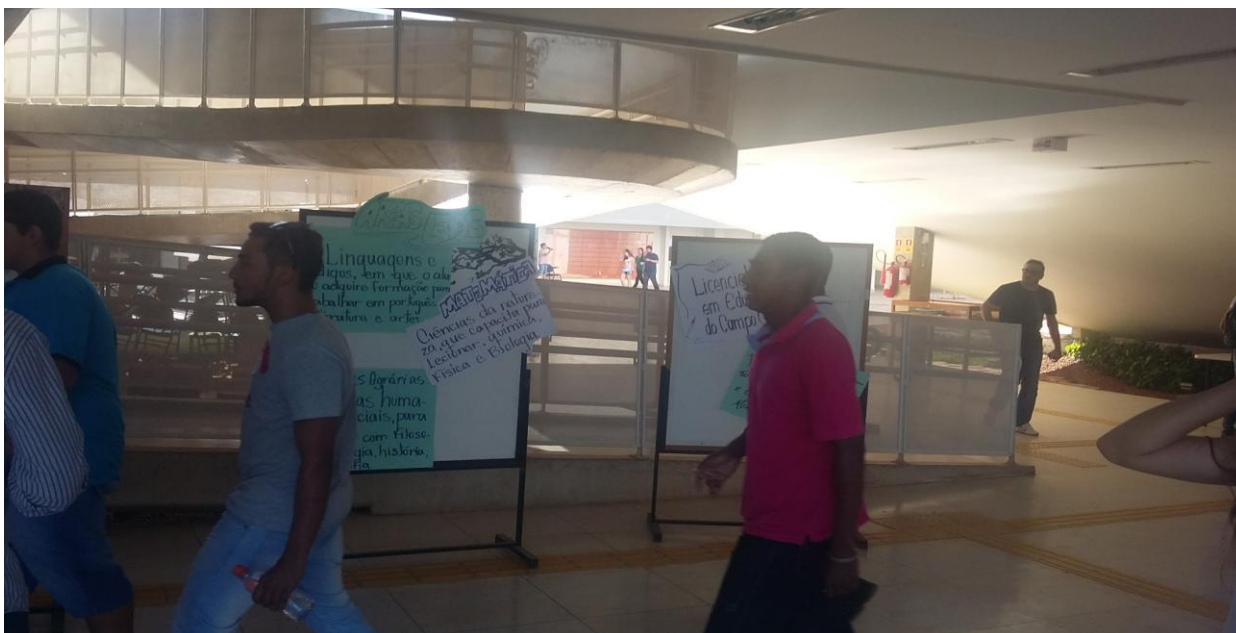
Fonte: Elaboração Própria– Atividade de Intervenção

Figura 2: Debate sobre a Importância da LEDOC



Fonte: Elaboração Própria – Atividade de Intervenção

Figura 3: Cartazes De Conscientização da LEDOC elaborado pelos licenciandos



Fonte: Elaboração Própria– Atividade de Intervenção

Este foi o primeiro passo para a tentativa de incluir esses sujeitos de modo natural ao convívio dos demais e amenizar questões de atrito, desconhecimento e segregação dentro do campus. A atividade trouxe um saldo positivo tendo em vista que todos interagiram, o tema deixou de ser desconhecido, alguns professores se interessaram por dar continuidade ao trabalho e os alunos da LEDOC se sentiram valorizados pelo público presente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação no campo surge dentro das universidades como uma conquista e reconhecimento das lutas dos movimentos sociais do campo, colocando em evidência as necessidades e referências desse grupo. Analisando o efetivo reconhecimento da Licenciatura da Educação do campo no contexto acadêmico através de um estudo exploratório com a comunidade acadêmica do campus UNB Planaltina, percebeu-se que as pessoas são conscientes da existência desta Licenciatura, porém não existe um conhecimento significativo quanto sua essência de organização e dinâmica.

Toda essa situação resulta em um distanciamento deste grupo social. Neste contexto é importante levar consideração que o espaço em questão na perspectiva dos direitos humanos e da educação deva-se constituir como elo de cidadania, inclusão social e acolhimento.

Nessa perspectiva, a partir da aplicação de um grupo focal com os licenciandos na educação do campo no sentido de complementar o presente estudo, observou-se que eles não se sentem reconhecidos enquanto universitários e sujeitos de direito dentro do campus, assumindo em sua grande maioria uma postura de vulnerabilidade, não se fazendo perceber nas atividades coletivas da universidade, tão pouco da utilização dos recursos e dependência da unidade.

A partir das constatações em concordata com o grupo da LEDOC desenvolveu-se um momento de apresentação da Educação do Campo (contexto histórico de lutas). Este momento foi compartilhado com a comunidade acadêmica por meio de uma mística evidenciando a importância da LEDOC para as pessoas que vivem no e do campo.

Essa intervenção foi vista pela LEDOC como um incentivo à uma postura de resistência ao comportamento inerte até então apresentado pelo grupo em relação à se portarem como sujeitos de direito dentro da universidade. A partir desse trabalho houve manifestação de interesses e sugestões de professores e licenciandos em ampliar ações de visibilidade do curso, além disso os licenciandos manifestaram sugestões como atividades como a mística realizadas em espaços comuns a comunidade acadêmica para que o mesmos tomem conhecimento das raízes culturais, saberes e lutas desse grupo social.

O que se pretendeu, portanto, foi dar maior visibilidade ao curso e levantar questionamentos, ainda que rudimentares, naqueles que participaram das diferentes etapas da pesquisa, sobre a importância da LEDOC no contexto de promoção dos direitos humanos, valorização da diversidade e equidade.



## 5 REFERÊNCIAS

ARROYO, G.; FERNANDES, M. **Por uma educação básica no campo**: A educação básica e o movimento social do campo. 2. ed. Vozes, 1999.

FERREIRA, F. J.; BRANDÃO, E.C. Educação do Campo: Um olhar histórico, uma realidade concreta. **Revista Eletrônica de Educação**. jul./dez. 2011.

COMILO, M.E. S; BRANDAO, E.C.; Educação do Campo: A Mística como Pedagogia dos Gestos no MST. **Revista Eletrônica de Educação**.v.3,n.6, jan./jul. 2010.

MARTINS, F. J. **Educação do Campo**: Processo de Ocupação Social e Escolar. Disponível em [http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2011/8/371\\_469\\_publipg.pdf](http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2011/8/371_469_publipg.pdf) Acesso em: 10 de Outubro de 2015.

GOMES, S.E.M. **A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos**. Publicação interna Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais Disponível: [http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco\\_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D\\_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf](http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf) Acesso em 10 out. 2015.

KOLLING, J. ; NERY, I. ; MOLINA, C. **Por uma educação básica no campo**: Memória. Peres, 1999.

MARTINS, F. J. Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2. São Paulo, 2008.

MOLINA, C.M; FREITAS. A.C.H. Avanços e Desafios na Construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação do Campo**. Universidade de Brasília-Faculdade UnB Planaltina. Brasília, maio. 2009.

SARAIVA, F.C.R.; DINIZ, S.A.D.J.. **Universidade de Brasília**: Trajetória da Expansão nos 50 Anos. Brasília: Decanato de Extensão /UnB, 2012.